

A mais arrojada das capitais

Em 37 meses, pioneiros transformaram sonho em realidade. O desafio agora é preservar traçados originais

DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

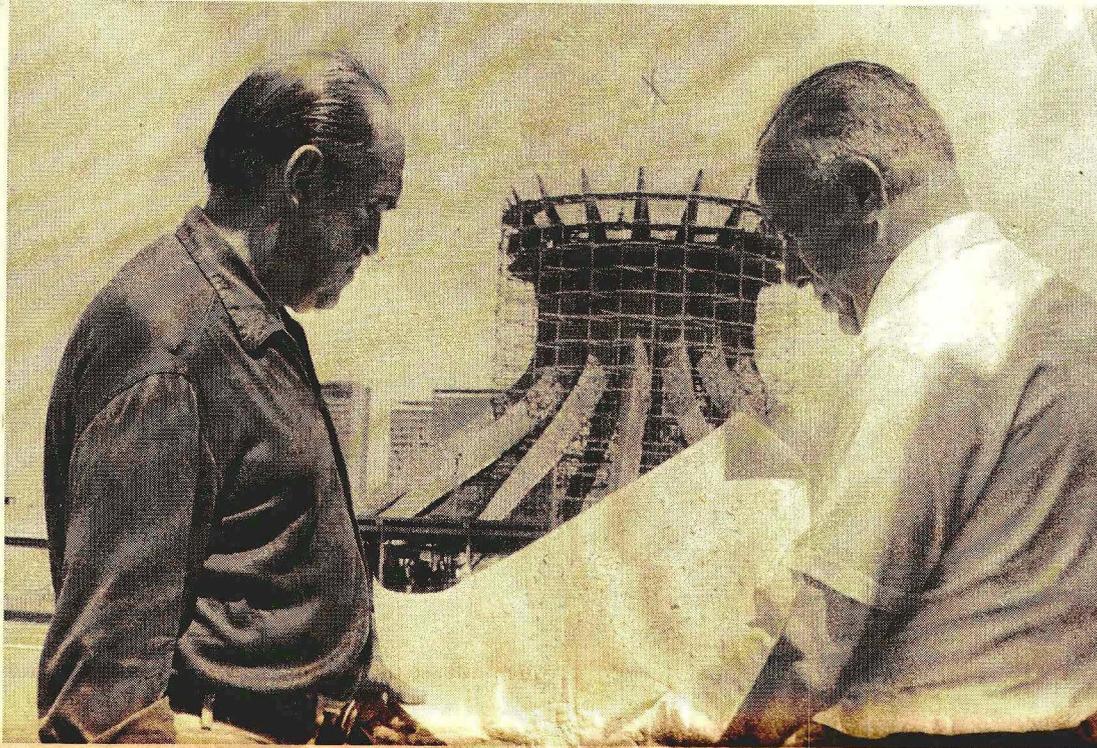
O movimento modernista viu surgir, há 45 anos, sua maior tradução na arquitetura mundial. A inauguração de Brasília representou um marco para a escola. A concepção do urbanista Lucio Costa e as linhas do arquiteto Oscar Niemeyer sintetizaram as idéias do grupo. A ousadia, a coragem e o empreendedorismo receberam destaque na imprensa de diversos países. O projeto, porém, sofre a ameaça de perder os contornos originais.

A execução da meta do então presidente Juscelino Kubitschek, de comprimir 50 anos de desenvolvimento nos cinco anos de governo, estava a todo vapor. Niemeyer e Lúcio Costa não largavam as pranchetas com os primeiros rabiscos daquela que seria a nova capital do país. O local escolhido pela Missão Cruls se transformou num imenso canteiro de obras, que abrigava brasileiros de diversas regiões, encarregados de tirar do papel o projeto da maior cidade modernista do mundo.

Autoridades, teóricos de diversas correntes e os meios de comunicação espalhados pelo mundo se renderam à construção da capital e não pouparam elogios à obra. "São verdadeiramente admiráveis as construções modernas de Brasília. Muito diferente de Tóquio ou de Nova York, Brasília, com o seu vasto cenário em uma terra nova, permite à arquitetura moderna realizar o seu sonho", destacou uma reportagem publicada em junho de 1959 na revista *Chuo Koron*, de Tóquio, Japão. "A construção de Brasília marcará época na história da arquitetura mundial."

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) também se curvou ao monumento cravado no coração do Brasil e lhe conferiu o título de patrimônio histórico mundial 27 anos depois da inauguração. "A cidade representa uma conjugação feliz dos concei-

Arquivo/CB



NIEMEYER CONFERE O PROJETO DA CATEDRAL DE BRASÍLIA, OBRA QUE EXIGIU TRABALHO DE CÁLCULO INÉDITO

tos num sentido amplo de um único movimento. Urbanismo, paisagismo, arquitetura e artes plásticas são pensados sob a óptica de um mesmo ideal", destaca a coordenadora do setor de Cultura da Unesco no Brasil, Jurema Machado.

Cinco anos depois da inclusão da cidade na lista de patrimônios mundiais, veio o reconhecimento nacional por meio da Portaria 314 do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Toda e qualquer alteração na arquitetura, urbanismo ou paisagismo da área incluída no projeto de Lucio Costa deve passar pela aprovação da autar-

quia responsável pela preservação. "Os brasilienses têm de se orgulhar por morarem num monumento", diz a chefe da Divisão Técnica da Superintendência Regional do Iphan, Vera Ramo.

Qualidade de vida

O maior objetivo da arquitetura moderna é a qualidade de vida. "O movimento tem o objetivo de resolver os problemas das cidades industriais, sob um ponto de vista mais amplo. Pretende acabar, por exemplo, com os congestionamentos e a falta de espaço", explica o arquiteto, teórico do Moder-

nismo, Guilherme Wisnik, autor do livro *Lucio Costa*. Entre as propostas da escola moderna está o convívio harmônico entre o concreto e o verde. Para combater os congestionamentos e a alta densidade populacional, os teóricos propõem a expansão horizontal das ocupações urbanas com prédios baixos em contraposição aos arranha-céus construídos em larga escala na primeira metade do século XX.

"Os blocos não ultrapassam o tamanho das árvores. As mães podem ver e até conversar com os filhos das janelas do apartamento, mesmo no último andar", diz o arquiteto da Universidade de Brasília e ex-superintendente do Iphan, Cláudio Queiroz. Todas as funções da cidade, como moradia, trabalho e divertimento, devem se conciliar. Surge, então, as quatro escalas de Brasília: monumental, residencial, bucólica e gregária.

Mas os benefícios proporcionados aos moradores não são suficientes para barrar o ímpeto dos que não compreendem a importância da preservação da cidade. Ao longo das últimas quatro décadas, a pressão populacional aumentou, o interesse do capital sobressaiu e as agressões ao projeto inicial se multiplicaram.

Puxadinhos, propagandas irregulares, proliferação de quiosques, sétimo andar e alargamento dos prédios. A lista de ilegalidades cresce a cada ano. Entre as mais recentes está a privatização da orla do Lago Paranoá, que impede a chegada da população ao espelho d'água. As agressões atingem de maneira mais significativa aqueles que viram o sonho nascer, crescer e se consolidar. É o caso do médico Ernesto Silva, presidente da comissão que escolheu o local da capital e um dos integrantes da primeira cúpula da Novacap. No auge dos 90 anos, ele se entristece com a outra cidade que surge aos poucos e tenta sufocar a Brasília original. "A cultura dos nossos governantes não estava preparada para receber um projeto tão avançado. Brasília está se tornando uma cidade qualquer", critica o pioneiro.